

INFLUENCIADORES podem fazer mal

Blogueiros, com suas dicas e informações médicas, são uma ameaça, alertam pesquisadores que analisaram postagens sobre casos específicos e possíveis tratamentos em perfis de influencers nas redes sociais — a maioria sem base científica

» ISABELLA ALMEIDA

Influenciadores digitais têm espalhado informações “esmagadoramente” enganosas sobre exames médicos no Instagram e no TikTok. Um novo estudo da Universidade de Sidney, na Austrália, revelou os perigos das postagens sobre saúde nas redes sociais. O trabalho, publicado ontem na revista *Jama Network Open*, analisou cerca de mil postagens sobre cinco exames controversos promovidos por influenciadores para um público de quase 200 milhões de seguidores. Os resultados mostraram que a maioria das publicações não se baseava em evidências científicas, era promocional, envolvia interesses financeiros explícitos e, além disso, abordava raramente o risco dos exames e tratamentos desnecessários.

Os exames divulgados pelos blogueiros incluíam ressonância magnética de corpo inteiro, avaliações genéticas para câncer, análise de amostras de sangue para testosterona, teste de hormônio antimülleriano — feito para avaliar a fertilidade feminina — e investigação da microbioma intestinal. Os autores alertam que esses exames têm evidências limitadas de benefício em pessoas saudáveis.

“A maioria dessas postagens era esmagadoramente enganosa. Esses exames são promovidos como triagem precoce, mas são desnecessários para a maioria das pessoas”, frisou Brooke Nickel, principal autora do estudo e pesquisadora da Faculdade de Medicina e Saúde da Escola de Saúde Pública da universidade.

O estudo revelou que 87% das postagens não mencionaram os riscos desses exames “Eles podem levar a diagnósticos e tratamentos desnecessários, afetando também a saúde mental das pessoas”, afirmou a pesquisadora. Nickel citou o exemplo do teste AMH, que é comercializado como uma forma de medir a fertilidade, mas é considerado pouco confiável por especialistas.

A preocupação, segundo a cientista, é que os resultados possam levar a tratamentos de fertilidade caros e desnecessários. Outro que comumente é divulgado é o de testosterona — frequentemente promovido com alarmismo para vender suplementos do hormônio. “A segurança a longo prazo dessa terapia ainda não é conhecida, especialmente em relação à saúde cardiovascular e mortalidade”, alertou Nickel.

Freepik



As postagens, em geral, valorizam a experiência pessoal do blogueiro, mas com foco na promoção de si ou do produto e ganhos financeiros

Palavra de especialista

Sem exageros

“Há opiniões sendo formadas a partir de informações vistas nas redes sociais e fornecidas por coaches e influenciadores. Muitas vezes, esses indivíduos não têm formação adequada para passar orientações sérias sobre saúde. Passam orientações e geram práticas perigosas à saúde. O impacto pode ser catastrófico. Essas pessoas não se preocupam com

os riscos, muitas vezes acreditam na informação, mesmo sem nenhum embasamento científico. É papel dos profissionais da saúde, sempre baseados em evidências, mostrar aos pacientes que é importante cuidar da saúde e fazer a prevenção de doenças. Mas isso não implica a realização de exames desnecessários ou mal orientados, e definitivamente

não significa suplementação ou reposição desnecessárias. O que deve ser feito é o acompanhamento regular, para que um profissional de saúde sério possa realizar essa orientação.”

Lucas Albanaz, professor de medicina do Centro Universitário UNICEPLAC e coordenador médico do Hospital Santa Lúcia Gama

Arquivo cedido



Percentual elevado

Os dados do estudo mostraram que 87% das publicações mencionaram benefícios dos exames, mas somente 15% falaram sobre os danos. 6% mencionaram o risco de sobrediagnóstico ou sobretratamento e a mesma porcentagem apresentou evidências científicas sobre os assuntos, ao mesmo tempo que 34% falaram sobre a própria experiência do

blogueiro. Além disso, 68% dos influenciadores tinham interesses financeiros ao promover os exames, como parcerias ou patrocínios.

Conforme Daniela Carvalho, gastroenterologista da clínica GastroCentro, o equilíbrio entre incentivar a triagem preventiva para o diagnóstico precoce e evitar o sobrediagnóstico (quando a doença não apresenta sintomas) e tratamentos desnecessários “é um dos

maiores desafios enfrentados pelos médicos atualmente. Os profissionais podem encontrar esse equilíbrio, mantendo-se atualizados e adotando uma abordagem personalizada, baseada em evidências, que envolve comunicação aberta com os pacientes e consideração cuidadosa de fatores de risco individuais.”

Ray Moynihan, coautor do estudo e professor da Universidade

Bond, na Austrália, classificou o cenário como uma “crise de saúde pública”. Ele destacou que a desinformação sobre saúde nas redes sociais está agravando o sobrediagnóstico e prejudicando a sustentabilidade dos sistemas de saúde.

Referência profissional

Para Carlos Nunes, coordenador médico geral do pronto-socorro

PSIQUIATRIA

Cérebro de esquizofrênicos é diferente

Os sintomas da esquizofrenia variam muito entre os pacientes, agora, um novo estudo da Universidade de Zurique, na Suíça, revela como essas diferenças são vistas no cérebro. Conforme o trabalho, publicado, ontem, na revista *American Journal of Psychiatry*, algumas pessoas acometidas pela doença têm mais distúrbios perceptivos, enquanto outras apresentam mais comprometimentos cognitivos.

“Nesse sentido, não há uma esquizofrenia, mas muitas, cada uma com diferentes perfis neurológicos”, afirmou Wolfgang Omlor, primeiro autor do estudo e médico do Hospital Universitário de Psiquiatria de Zurique. Para

tratar a fundo a condição, as terapias deveriam ser personalizadas conforme o perfil de cada paciente. “Isso requer abordagens que busquem diferenças e similaridades individuais no nível neurobiológico”, detalhou Omlor.

Para compreender as diversas faces da esquizofrenia, a equipe de pesquisa examinou as diferenças da estrutura cerebral em pacientes. Os cientistas observaram quais redes cerebrais têm alto grau de individualidade e quais têm um alto grau de similaridade. Eles avaliaram várias características, como a espessura e a área de superfície do córtex cerebral e outras regiões mais profundas do cérebro.

Freepik



O desenvolvimento durante a infância parece ser menos flexível

Os dados avaliados foram obtidos de uma colaboração chamada Enigma — um projeto de pesquisa internacional que combinou informações de imagem de mais de 6 mil pessoas em 22 países. Ao comparar as estruturas cerebrais dos pacientes com esquizofrenia e indivíduos saudáveis, os cientistas observaram as diferenças.

Apesar das estruturas cerebrais variáveis, na esquizofrenia mostraram diferenças nos sintomas entre os pacientes, a semelhança do dobramento cerebral na área médio-frontal sugeriu um traço de desenvolvimento comum em esquizofrênicos. O desenvolvimento cerebral

durante a infância parece ser menos flexível em pacientes com esquizofrenia, sobretudo em regiões associadas ao pensamento e sentimento.

“Essas descobertas ampliam nossa compreensão da base neurológica da esquizofrenia. Embora o dobramento uniforme do cérebro possa indicar possíveis mecanismos de desenvolvimento da doença, regiões com alta variabilidade na estrutura cerebral podem ser relevantes para o desenvolvimento de estratégias de tratamento individualizadas”, frisou Philipp Homan, professor da Universidade de Zurique e autor correspondente do estudo.